

Políticos temem radicalização

Da sucursal de
BRASÍLIA

Embora a sucessão estadual esteja em destaque na pauta dos problemas político-partidários, parlamentares da Arena e do MDB não têm deixado de examinar, ainda que informalmente, a crise surgida no Senado, praticamente de rompimento entre as lideranças do MDB e da Arena — senadores Paulo Brossard e Eurico Rezende.

Na Câmara, apesar do ponto de vista em contrário do líder Tancredo Neves, são muitos os “moderados” que não escondem o receio pela linha contundente que tem marcado a atuação do líder do partido no Senado, em contraste, dizem eles, com a cautela e moderação que têm pautado a conduta de Tancredo Neves. Naprópria bancada daminoria no Senado, comentou-se, há restrições à linha do líder.

São raros os parlamentares da oposição que deixam de ver na “escalada” do líder governista Eurico Rezende (apontado como o novo governador do Espírito Santo) uma verdadeira “armadilha” para radicalizar o debate e levar Brossard às últimas consequências, dentro e fora do plenário. O líder gaúcho, porém, na sexta-feira à noite, ao tomar conhecimento do documento distribuído pelo Senador Eurico Rezende, explicando a origem de seus ataques, evitou fazer comentários. Ele disse que não vai responder, nem da tribuna, nem fora do Congresso, negando que tenha pretensões de exercer funções de “corregedor da ética parlamentar”.

O próprio senador Brossard, informalmente, concorda com as opiniões generalizadas, de que são ensaiadas as cenas de ataque à sua pessoa desempenhadas pelo líder do governo. Mas não revela o propósito de resistir ou de mudar, embora tenha se decidido a não ouvir mais Rezende da tribuna, nem responder à sua nova investida.

O desejo de todos, nos dois partidos, é para que ambos mudem. Se nada mudar e o quadro continuar como o da última semana, ninguém duvida de que possam vir consequências graves. Um quadro radicalizado no senado, envolvendo as duas lideranças, será um enorme fosso às pretendidas reformas políticas, antecedidas do anunciado diálogo, com vistas à normalidade democrática.

Isso logo será notado, tão logo acabem as oscilações da bolsa de governadores, nos próximos dias.

De acordo com comentários de políticos dos dois partidos, como poderá Petrônio Portella dialogar com Ulysses Guimarães, se o partido continuar sendo agredido, quase que diariamente, pelo líder do mesmo governo que o credenciou para manter os entendimentos?

É evidente que as baterias de Eurico Rezende — remuniciadas sexta-feira, com seu documento-resposta — alcançaram Ulysses e o próprio MDB.

Por mais boa vontade que possam ter Thales Ramalho, Roberto Saturnino, Franco Montoro e Tancredo Neves, de ver o presidente do MDB conversando oficialmente com o presidente do Congresso em torno de medidas democratizantes, não se pode esperar passividade da direção e de todo o partido de oposição, se o líder arenista não mudar de estilo, deixando de lado a velha tática de José Bonifácio.

Parece que a liderança da maioria passou a adotar os antigos chavões, segundo os quais a melhor defesa é o ataque ou, de que a radicalização é o melhor caminho para marcar posições.

O senador Paulo Brossard, nota-se perfeitamente, também anda tenso. Ele sabe que, se não se contiver, o prejuízo será para o partido e para a instituição. Se é do seu dever e direito seu fazer oposição, não custa lembrar que o senador gaúcho tem meios, competência e condições de cumprir sua missão em outros

termos, ao invés de fazer justamente o jogo que Eurico Rezende quer e gosta.

Ainda outro dia, o líder sentiu que é grande a prevenção de líderes arenistas contra sua liderança. Num acontecimento social, Brossard fez uma brincadeira com seu velho amigo e companheiro da Assembléia Legislativa gaúcha, Nelson Marchezan, hoje secretário-geral da Arena, insinuando que seu aparte a Blota Júnior, há dias, fortalecendo as críticas ao líder do MDB, seria para contar pontos com vistas à sucessão de Sinval Guazzelli.

O dirigente arenista reagiu, dizendo que Brossard deveria procurar responder às censuras feitas em 1964 por deputados do PTB e pela Associação das Emissoras de Rádio e TV do Rio Grande do Sul. O senador elevou a voz, criticando o fato de Marchezan não ter sido correto no seu aparte, pois estava na Assembléia em junho de 64 e conhece bem os fatos. “De fato, eu peço por não fugir de dizer as coisas” — foi a reação de Marchezan. Jornalistas presentes contornaram o incidente, provocando a mudança de assunto.

Mas o episódio mostrou claramente que os nervos estão à flor da pele e que é preciso esforço comum para evitar radicalizações. A radicalização já provocou retrocessos em 1966, em 1968 e em 1977. Se o último, em abril do ano passado, suprimiu algumas eleições diretas, além de silenciar a campanha eleitoral, quem pode garantir que um novo “pacote” não suprima o que sobrou? Será que o debate agressivo vale mais que um esforço para preservar o clima político-parlamentar e assegurar a realização das eleições?

Se quase não há dúvidas de que a Arena e o MDB estão com seus dias contados, valeria a pena conter os impetos e evitar novos confrontos, até porque, dos assuntos discutidos, poucos são os que valem arriscar tanto.

F.M.